

Resenha

REDYSON, Deyve. *Os Caminhos do Dharma no Brasil: história e desenvolvimento do Budismo no Brasil*. Curitiba: Editora CRV. 2016, 360p.

Gustavo Kuffel Balreira¹

A obra analisada apresenta em detalhes a ampla história da chegada e do desenvolvimento das diferentes tradições budistas no Brasil. Baseado em vasta fonte bibliográfica e em entrevistas com personalidades que influenciaram o desenvolvimento do budismo no Brasil, tais como Ricardo Mário Gonçalves e Joaquim Monteiro. A apresentação histórica inicia-se pelo *proto-budismo*, ou seja, a presença de conceitos budistas tais como *nirvana*, *abhidharma*, *samsara*, entre outros, bem como o surgimento de aspectos da filosofia budista na literatura brasileira em autores como Machado de Assis e Olavo Bilac. Ao todo o primeiro capítulo traz uma análise detalhada da vida e obra de oito autores brasileiros.

A partir do capítulo dois o texto nos narra a chegada dos diferentes budismos do mundo ao Brasil, que se inaugura com a presença do primeiro imigrante japonês budista, um monge da Ordem Budista Honmon Butsurushû (um ramo do Budismo Nichiren) que chegou a Santos em 1908 a bordo do famoso navio Kasato-Marui. *Os Caminhos do Dharma no Brasil* apresenta um catálogo de endereços onde estão localizados os templos e as salas de meditação das diferentes tradições budistas em todo o país, também nos conta como e por quem foram construídos/instituídos, quem foram as pessoas envolvidas na recepção dos mestres e no estabelecimento das comunidades budistas (*sanghas*) e dos grupos de meditação e estudo; quem foram os mestres estrangeiros que passaram

¹ Graduado em Filosofia – Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do grupo de pesquisa PADMA (UFPB/CNPQ)

por aqui e quais os brasileiros que se tornaram mestres no budismo. Em resumo é uma síntese abrangente da história da implantação do budismo no Brasil e do panorama atual da comunidade budista brasileira.

O prefácio deste livro é de Ricardo Mario Gonçalves, que agradece pela oportunidade de registrar sua participação em episódios iniciais da saga do budismo no Brasil, memórias que do contrário poderiam ter se perdido irremediavelmente. Ele afirma que anos atrás pesquisadores concluíram que o budismo brasileiro estava em declínio, devido à diminuição do número de fieis, mas que a presente pesquisa proporciona perspectivas mais otimistas no sentido de um crescimento do número de budistas brasileiros.

A obra apresenta as diferentes modalidades de budismo que surgiram em diferentes países, e suas diferenças paradigmáticas que se expressam pela vasta variedade de escolas, estilos e formas de culto e vivência. Assim, são apresentadas neste livro as escolas Theravada, Zen (*Chan*) chinês, coreano e japonês; o Vajrayana em suas modalidades tibetana e japonesa (escola Shingon), o Amidismo ou Budismo Terra Pura e a escola nipônica de Nichiren. Além destas escolas tradicionais somam-se os *neobudismos* de vários matizes como o budismo modernista criado pelos ocidentais e as *pseudomorfoses* japonesas, como o budismo Nichiren Shoshu e o Soka Gakkai (SGI), estilos amplamente difundidos no Brasil. Estuda também o Honmon Butsyuryû Shu (HBS) ou Budismo primordial, a primeira organização nipônica de cunho budista que foi introduzida no Brasil graças à iniciativa de um pioneiro imigrante: Nissui Ibaragagi, que chegou a Santos em 1908 a bordo do famoso navio Kasato-Marú.

Protobudismo

Redyson elenca como as primeiras manifestações de budismo no Brasil os *proto-budismos*, ou seja, reflexos dos aspectos filosóficos e psicológicos da doutrina budista (mas com uma interpretação muitas vezes rasa) que aparecem

em obras literárias de autores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos e outros. A seguir, alguns exemplos destas manifestações.

O escritor Machado de Assis (1839-1908), que faleceu no ano da chegada do navio Kasato-Maru, transmite em suas obras uma nítida influência da filosofia budista. Provavelmente ele teria sido influenciado por ideias budistas através da obra *O Mundo Como Vontade e Como Representação* do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, este conhecido por formular teses budista e niilistas. Esta influência é apontada por Redyson nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro em que Machado de Assis não oferece esperanças morais, metafísicas ou políticas (niilismo). Esta compreensão revela também que o autor não teria uma ampla erudição em doutrinas budistas, mas que o associava à teses niilistas. Aluizio de Azevedo (1857-1913), escritor de *Casa de Pensão* e *O Cortiço* escreveu também *O Japão*. Azevedo foi vice-cônsul do Brasil e por ocasião deste emprego morou no Japão, fascinado pelo país escreve esta obra onde relata seu fascínio sobre o país. O livro é baseado em relatos de japonistas como Bousquet e é dividido em cinco capítulos, no primeiro deles aparecem impressões sobre o budismo, quase todas de caráter histórico. O escritor catarinense simbolista Cruz e Souza (1861-1898) interpreta o budismo apenas como uma alternativa ao cristianismo e principalmente como religião oriental niilista baseada no sofrimento. Raimundo Correia (1858-1911), nascido em São Luís do Maranhão, tem um poema intitulado *Nirvana*, que reflete as fantasias europeias de uma Ásia fantástica e mítica. Olavo Bilac (1865-1918) descreve minuciosamente a figura do Buda em seu poema “*A Missão de Puma*”, e, juntamente com outros escritores do jornal “*O Commercio*”, fascina-se com a imagem do *nirvana* como um lugar para ser alcançado. Augusto dos Anjos (1884-1914), poeta do século da Paraíba, autor de uma única obra, o *Eu*, escreve poemas funestos que exprimem aspectos de podridão, dor, angústia e solidão como o celebre trecho “*Apedreja essa mão vil que te afaga, escarra nessa boca que te beija!*”. A primeira poesia do *Eu* já nos introduz questões budistas através de uma atmosfera filosófica. No poema *Monólogo de uma Sombra* surgem expressões claramente budistas tais como *abhidarma* e *sansara*, agregados

perceptíveis, e outras nem tão diretas como *sofredoras*, *perecíveis*, *indefiníveis*: “na existência social, possuo uma arma, - o metafisicismo de Abhidrama” [...] “a solidariedade subjetiva de todas as espécies sofredoras, todos os agregados perceptíveis”.

Os primeiros passos do Budismo no Brasil

Elementos da cultura e das tradições do Japão penetraram em terras brasileiras através da imigração japonesa, mas de fato não houve um projeto, um plano para que junto com estes elementos culturais japoneses viesse também o budismo. Pelo contrário, as autoridades japonesas e brasileiras cuidaram para evitar que uma *missão budista* tivesse início. Ainda assim, é inegável que a imigração tenha sido uma porta aberta para o budismo. Desta maneira, pode ser dito que apesar de o budismo ter iniciado na Índia, ele chegou ao Brasil via Japão. A bordo do navio Kasato Maru veio um monge, na qualidade de simples agricultor do bicho da seda, seu nome: Ibaragui Nissui, pertencente a Ordem Budista Honmon Butsurushû. Na biografia de Ibaragui², consta que Mizuno Ryu, reconhecido como pai da imigração japonesa, era um fiel do templo Seiouji onde residia Ibaragui, e ele afirma: “nunca um monge foi tão longe para expandir o budismo” (in: REDYSON, 2016, p. 49). Transportando 781 imigrantes lavradores contratados (165 famílias com 733 membros e mais 48 avulsos) pela Companhia Imperial de Colonização Ltda (presidida por Ryu Mizuno), o vapor Kasato-Marú chegou às 9:30 horas do dia de 18 de junho de 1908 ao porto de Santos.

As próximas manifestações budistas no país seriam as primeiras interpretações do budismo feitas por brasileiros. Ciflovedo foi um dos primeiros intelectuais a trabalhar com temas do budismo, porém seus livros, na qualidade de trabalhos iniciais, apresentavam diversos equívocos doutrinários. Ele escreveu *Ilusão, desejo e Nirvana* (1952), livro que influenciaria Ricardo Mário Gonçalves em

² CORREIA, Kyoraku. O que é primordial. Budismo 100 anos. São José dos Pinhais. Ed. RMC, 2008.

sua juventude. O verdadeiro nome de Ciflovedo era Cícero Flores de Azevedo, um médico paulista que escreveu também ainda outro livro, *Angústia e Beatitude* (1968). Em suas pesquisas, Ciflovedo interessou-se profundamente pelo estudo budismo Zen, e por autores como Ramana Maharshi e Krishnamurti. Outras obras importantes no início da produção brasileira de livros budistas foram *O Pensamento Vivo de Buda* (1953) de Ananda Coomaraswamy em tradução de Ary Vasconcelos, pela editora Martins Fontes, São Paulo. A primeira tradução brasileira de um texto budista clássico foi o *Dhammapada* (A Senda da Verdade) (1955) pelo prof. Mario Lobo Leal, publicado pela organização Simões, ligada ao centro teosófico. Em 1958 dois livros importantes aparecem, a tradução da obra de Maurice Percheron, *O Buda e o Budismo*, e a tradução de *O Evangelho de Buda*, escrito por Yogi Kharishnanda. Na década de 60 surge no Brasil a grande onda do zen-budismo que começa pela chegada do escritor Allan Watts com traduções de seus livros *O Zen e a experiência mística* (1960) e *O significado da felicidade* (1979). O autor mais influente da década de 60 provavelmente foi D.T. Suzuki, com a obra *Introdução ao Zen Budismo* (1961), que desencadeou a onda zen no Brasil. Este livro é prefaciado por Carl Gustav Jung, com apresentação de Christmas Humphreys e com introdução de Murillo Nunes de Azevedo. Ainda nos anos 60, outro livro que teve grande repercussão no Brasil foi o pequeno escrito de Guilherme de Almeida, *As palavras do Buddha* (1968). Esses e diversos outros livros têm sua apresentação detalhada na obra do prof. Deyve Redyson.

O Budismo Theravāda no Brasil

O budismo Theravāda é conhecido como a forma de budismo mais antiga de que temos notícia, uma tradição que se caracteriza por contemplar e preservar o Cânone Pāli em sua inteireza, texto que representa o elo mais direto com Buda Shakyamuni, na visão Theravāda. Essa escola de budismo atualmente é bastante viva em países como Sri Lanka, Índia, Nepal, Birmânia, Malásia, Tailândia e em

certas regiões do sudeste asiático continental, nessas localidades geralmente conta com apoio financeiro e é a religião oficial.

Grande parte da história do Budismo Theravāda no Brasil se associa à história da criação e desenvolvimento da Sociedade Budista Brasileira (SBB) fundada em 1923 no Rio de Janeiro por Lourenço Borges e um grupo de teosofistas, com a intenção de fornecer palestras e seminários para se discutir o budismo e fazer com que as pessoas pudessem ter contato com a experiência do ensinamento budista. O Theravāda, no Brasil, teve um respeitado pesquisador do Cânone Pāli: Nissim Cohen (1930-2009). Natural de Istambul, na Turquia, tendo vivido em Israel onde formou-se em engenharia, decide vir para o Brasil em 1958. Em 1973 conhece o budismo nos Estados Unidos por meio de Allan Watts e recebe instruções pessoais de personalidades como Joseph Goldstein, Anagarika Sri Munindra, e, em Bodhi Gaya, na Índia, recebeu os votos *Upasāka Dhammasāri* das mãos de Rastrapal Thera. Cohen apresentou a primeira tradução do *Dhammapada* direta do Pāli para o Português no ano de 2004 pela Palas Athena. Escreveu também *Fundamentos da Gramática Pāli*, que contém um pequeno dicionário pāli-português. Traduziu também o *Bhamajāla Sutta* do *Digha Nikaya 1* (A suprema Rede) e o *Sāmaññaphala Sutta* do *Diga Nikaya 2*. Por fim, publicou a obra *Ensinos do Buda* (uma antologia do cânone Pāli) em 2008. Deixou também um trabalho inacabado sobre meditação que poderá ser editado e publicado. Dentro da tradição Theravāda vale destaque também o website *Acesso ao Insight* que é hoje o site de maior divulgação dos *Suttas* budistas aceito por essa escola de budismo. O site é administrado por Michel Beisert e fornece há doze anos, gratuitamente, uma enorme quantidade de textos budistas em língua portuguesa.

O zen budismo

O Zen é uma das escolas de budismo mais influentes no mundo inteiro. Esta tradição remonta ao sermão sem palavras feito pelo Buda. Nesta ocasião, ao

invés de proferir um discurso diante da assembleia de monges que esperavam por ensinamentos, Buda apenas elevou diante de si uma flor de lótus. Ninguém teria compreendido seu gesto além de Mahakassiapa, que naquele momento teria compreendido a mente do Buda. Assim, considera-se que este sermão sem falas, conhecido como sermão da flor de lótus, dá origem a o zen-budismo, o estilo que prescreve como caminho para a iluminação o voto de silêncio e a suprema contemplação. No Zen a transmissão do conhecimento é sempre de mestre para discípulo e estudar livros, apesar de importante, está sempre em segundo plano, pois se entende que a iluminação é alcançada por meio de um estágio meditativo. A palavra *Zen* é a tradução para o japonês da palavra chinesa *Ch'na* que é a abreviação da palavra *Channa*, que no sânscrito corresponde à *Dhyana*, ou seja, *meditação*. Assim, a principal prática do Zen é o *zazen*, que significa meditar sentado.

Segundo Bodhidharma (c. 470 – c. 543), o patriarca do budismo *Ch'an* na China, as quatro práticas do Zen são, suportar o sofrimento com paciência, reconhecer e seguir causas e condições, buscar o nada e viver de acordo com ou praticar o *Dharma*. No Japão, há quatro escolas de Zen: Rinzai, Soto, Obaku e Sanbo Kyodan. O Soto zen foi a primeira escola do zen a chegar ao Brasil, trazido por imigrantes japoneses em 1955, quando foi criado o Busshinji (Templo do Coração-Mente do Buda) no bairro da Liberdade em São Paulo, pensado para ser a matriz do Soto Zen na América Latina por mestre Shingu. Este templo atraiu tanto as famílias japonesas que viviam no Brasil como uma grande massa de intelectuais interessados no budismo, como Ricardo Mário Gonçalves e Murillo Nunes de Azevedo, que também vieram a se destacar como pioneiros nos trabalhos de divulgação do Zen budismo no Brasil por meio de livros e estudos universitários. Também relacionado ao Busshinji é a chegada do Monge Tokuda em 1968, que viria a se tornar uma figura importantíssima na história do budismo brasileiro, tendo fundado diversos templos em diferentes cidades e influenciado figuras como Alfredo Aveline, que viria a se tornar o primeiro Lama leigo brasileiro. Tokuda também criou grupos de prática na Argentina e na França

(1985) e atualmente não está mais no Brasil, pois vive no Japão. Aqui seus alunos editaram livros com seus ensinamentos, entre eles *Psicologia Budista* (Rio de Janeiro, editora Gryphus, 2002).

A primeira mulher e a primeira pessoa não japonesa que assumiu a presidência da Federação de Seitas Budistas do Brasil foi uma brasileira: Monja Coen. Seu nome civil é Claudia Dias Baptista de Souza, ela se tornou monja missionária da tradição Soto Shu na cidade de Nagoya sob orientação de Shundô Aoyama Roshi. Realizou cinco anos de internato no mosteiro feminino em Nagoya e em seguida mais três anos de semi-internato para receber a transmissão do *Dharma*. Foi ordenada em 1983 e estudou no Zen Center em Los Angeles retornando ao Brasil em 1995. Coen, também participou da história do Busshinji como de outras comunidades budistas, publicou livros e ainda é amplamente influente. Outras histórias sobre templos e monges do Zen são contados no livro que aqui se apresenta, porém, devido ao caráter resumido desta resenha não cabem aqui. Assim, passa-se agora para o tema do capítulo V de Os Caminhos do Dharma no Brasil: o budismo Terra Pura.

O Budismo Terra Pura

O Terra Pura ou Amidismo é uma escola que surgiu da influência dos budismos *Tendai* e *Shingon*. Tem como símbolo de devoção o Buda Amida e seus praticantes realizam a invocação do *nenbutsu*, o *Buda que significa vida eterna e a luz infinita*, por meio do mantra *Namu Amida Butsu* (Salve! Buda Amida). Os textos essenciais desta tradição foram gerados na Índia e são: *O sutra do Buda de Luz Infinita*, o *Grande Sutra do Buda Amida*, o *Sutra de Contemplação à Amida* e o *Sutra Menor de Amida*.

A chegada das três linhagens da Terra Pura no Brasil está também ligada à imigração japonesa na década de 50, são elas: *Escola da Terra Pura* (Jôdo-shu) fundada por Honen, e a *Verdadeira Escola da Terra Pura* (Jôdo Shinshû), fundada por Shinran, que se divide em duas outras escolas: Nishi Hongwanji (ou Honpa

Hongwanji) e o Higashi-Honganji (Otani-ha). Redyson narra detalhadamente a história de cada uma destas vertentes no Brasil, porém aqui nos limitaremos a destacar o curioso caso da escola Shingon presente na cidade de Suzano (SP) onde acontece o que poderia se chamar de bricolagem ou sincretismo entre uma categoria de budismo e a umbanda (um ramo das religiões afro-brasileiras). O caso relatado é o da Igreja Shingonshu Kongoji, que frequentemente realiza cerimônias em que os participantes trazem queixas de *mal estar, espirito ruim, encosto* e coisas do gênero para que o monge local possa ajudá-los, isto é, desfazer trabalhos de *macumba*, ignorando grande parte dos conceitos tradicionais do budismo e aderindo a peculiaridades da Umbanda tais como oferecer cura, abençoar, proteger contra enfermidades e espíritos malignos em prol da felicidade. Este caso mostra já um abasileiramento do budismo, processo em que os paradigmas originais são rompidos conferindo características brasileiras a um tipo de budismo inédito.

O Budismo Tibetano

O Budismo chegou ao Tibete durante o império do 37º rei do Tibete: Srong-Tsen-Gampo e entrou em contato com a religião antiga chamada Bön, uma tradição de viés xamânico. Posteriormente, no Tibete, o budismo dividiu-se em cinco escolas: Nyingma, Kagyu, Gelug, Sakya e o budismo Bön. Segundo a pesquisa de Redyson, os livros e a fama de alguns mestres tibetanos chegaram ao Brasil antes dos próprios mestres. Na década de 60 publica-se uma coleção chamada *Apis Tibetana* que consiste em um catálogo de obras originais do Tibete. Em seguida publica-se *Textos Sagrados do Tibete*, uma tradução de textos por Raul Xavier no ano de 1973. Na década de 70 surgem textos de Sua Santidade o Dalai Lama, traduzidos para o português, em títulos tais como *O Budismo Tibetano e a chave para o caminho do meio*, pela editora Zahar no Rio de Janeiro em 1977. Na década de 80 a editora Pensamento edita diversos livros de mestres tibetanos, que começavam a ficar bastante conhecidos nos Ocidente, entre as principais

obras estão: várias textos de Tarthang Tulku tais como *Gestos de Equilíbrio*, *A Mente oculta da liberdade*, *Kum Nye e a Expansão da Mente*; obras de Chögyam Trungpa como o clássico *Além do Materialismo Espiritual e Meditação na Ação*; publica-se também *Tantra no Tibete*, texto raiz do mestre Gelug Tsong-Ka-Pa, entre muitos outros. De acordo com o livro que aqui se apresenta, Joaquim Monteiro afirma que o budismo tibetano tem hoje, no Brasil, mais frequentadores e praticantes do que todas as escolas budistas nas décadas de 70 e 80.

A linhagem Nyingma é a mais disseminada no Brasil e seu nome significa *Os de estilo antigo*, tem sua origem no século VIII com a chegada dos mestres indianos Padmasambhava, Vimalamitra, Vairochana e Shantarakshita ao Tibete. Seu ensinamento principal é o *Dzogchen*, uma técnica de meditação. O primeiro centro de budismo Nyingma no Brasil foi o Instituto Nyingma do Brasil, fundado em 1984, em Alto Pinheiros, bairro de São Paulo. O Instituto é ligado ao Instituto Nyingma de Berkley, na Califórnia, fundado em 1973 por Tarthang Tulku. O segundo grande grupo Nyingma é o Chagdud Gompa Brasil, que é vinculado a uma rede de mosteiros cuja origem é o Chagdud Gompa no Tibete fundado no século XV. O Chagdud Gompa foi instituído no Brasil em 1994 por S. Ema. Chagdud Tulku Rimpoche (1930-2002), e caracteriza-se como um centro que oferece ensinamentos e práticas de meditação. Há o Chagdud Gompa Khadro Ling que é a sede do Chagdud Gompa localizado em Três Coroas, no Rio Grande do Sul. Quem dirige este centro é Chagdud Khadro e outros Lamas que também foram ordenados por Chagdud Rimpoche, ou que tiveram conexão com ele em vida. Chagdud Rimpoche foi reconhecido aos quatro anos de idade como o renascimento do abade do Chagdud Gompa e teve uma formação especial para assumir esse cargo. Sua educação durou até 1951 quando a China invade o Tibete e Chagdud foge para o exílio, vivendo primeiramente nos Estados Unidos, antes de vir para o Brasil, ordenando Lamas e fundando diversos Gompas.

O Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB) também é ligado ao budismo Nyingma e a Chagdud Rimpoche, que ordenou Alfredo Aveline, que por esta ocasião passa a ser conhecido como Lama Padma Samten, o primeiro

leigo a ser ordenado Lama no Brasil. Samten, que já tinha grande afinidade com o budismo Zen fundou o CEB, que posteriormente torna-se CEBB, instituição que atualmente se faz presente em muitas cidades brasileiras (tais como Viamão, Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Cassino no RS; Florianópolis, Joinville, Balneário Camboriú, Garopaba e Canelinha em SC; Curitiba e Londrina no PR; Ilha Bela, Maresias, Jundiaí, São José do Rio Preto e Campinas em SP; Brasília e Alto-Paraíso no Centro-Oeste; Salvador e Feira de Santana na Bahia; Maceió em Alagoas, Natal em RN; Em Recife há diversas salas de meditação do CEBB e em Timbaúba há o templo Darmata, local onde se realizam retiros longos de até três anos, PE; João Pessoa, PB; Porto Velho, RO). A região sul é onde está localizado o maior número de CEBBs e onde o budismo tibetano Nyingma é mais forte.

A linhagem Nyingma conta ainda com os centros: Tashi Chekhor Ling em Maceió, criado por alunos do Lama Kenpa em 2010; o grupo Nyingma Guna Norling na Bahia sob orientação de Dzigor Kongtrul Rinpoche que visitou o Brasil nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2011; no Rio de Janeiro há o Centro Buda de Ipanema sob orientação de Dzongsar Khyentse Rinpoche; em Teresina, Piauí, há o Centro Budista Shenpen Chöling, sob orientação da Monja Ani Zamba; em São Paulo, consagrado por Chögyam Namkhai Norbu Rimoche em 2006, o centro Lhundrubling oferece a prática de Dzogchen.

A escola Kagyu, cujo nome significa *Os Transmissores da palavra*, ou *Transmissão oral*, tem como patriarca o monge indiano Tilopa (988-1069) que teria recebido ensinamentos diretamente do Buda Vajradhara, transmitindo-os a seu aluno Naropa (1016-1100), que os transmitiu a Marpa (1012-1097) que regressa ao Tibete e lá transmite-os a Milarepa (1040-1123). Posteriormente destaca-se o mestre Gampopa (1079-1135). A escola Kagyu foi fundada pelos alunos de Gampopa e divide-se em quatro escolas maiores: *Karma Kagyu*, *Tseloa Kagyu*, *Bran Kagyu* e *Pagmo Kagyu*. Seu ensinamento principal é o *Mahamudra*, que pode ser entendido como a percepção direta do vazio e da claridade da mente. A história da linhagem Kagyu no Brasil começa com o trabalho da psiquiatra Marta Cavalcanti que se tornaria a primeira monja brasileira da escola Kagyu, passando

a se chamar *Ani-La*. Ela entrou em contato com o abade da Karma Kagyu que residia em Kathmandu no Nepal e passa a desenvolver trabalhos sob sua orientação. A linhagem Kagyu atualmente está bastante assentada no Brasil. No templo pioneiro no Rio de Janeiro hoje funciona a Fundação Karma Teksum Chokorling (KTC) sob direção de Khenpo Shenrab Wangchung, fundação que consiste em uma autêntica escola de budismo tibetano que funciona sob auspícios de Sua Santidade o Karmapa. Ainda no Rio de Janeiro há também o Centro de Budismo Tibetano Karne Thengsum Tchokorling (KTT), dirigido por Lama Karma Tartchin. Em Brasília/DF existe o Centro Budista Kagyu Pende Gyamtso (KPG) (cujo nome significa *Um Oceano de Benefícios*) dirigido por Lama Sonam Sherpa e Lama Trinle, a fundação do KPG inspirou-se na figura de Kalu Rimpoche. Em São Paulo, existe o Kagyu Dak Shang Chöling (*Jardim do Dharma*) fundado em 1993 por Lama Trinle e pelo professor Roque Enrique Severino (Naljorpa Karma Zopa Norbu) que é quem administra o Jardim do Dharma.

Os Caminhos do Dharma no Brasil ainda descreve, com muitos mais detalhes do que estes que foram fornecidos aqui, o processo de instalação e desenvolvimento dos budismos tibetanos no Brasil, prestigiando ainda as escolas Sakya e Gelug, sendo esta última a escola do Dalai Lama, e o texto dedica inclusive uma sessão exclusiva sobre a famosa e influente figura do Dalai Lama.

O Budismo Nichiren

O capítulo VII de *Os Caminhos do Dharma no Brasil* trata do budismo Nichiren, que configura uma grande revolução do budismo *mahayana*. Nichiren (1222-1282), em sua juventude, foi enviado pelos pais para ao tempo budista Tendai em Kiyosumi-dera para estudar e lá se tornou conhecedor do *Sutra do Lótus* e do *Sutra do Nirvana*. Posteriormente, Nichiren viaja a estudos com o desejo de conhecer todos os ensinamentos do Buda que haviam sido levados ao Japão, bem como todas as discussões de bodisatvas e comentários aos sutras. Depois de se deparar com muitas opiniões divergentes entre os diferentes textos e seitas

budistas, pergunta-se em quem deveria acreditar. Então decide abandonar o budismo Terra Pura, tomando o *Sutra do Lótus* como o verdadeiro ensinamento que transmite a sabedoria de que toda a existência é idêntica à existência do cosmos, sendo cada vida humana um microcosmo. A forma de recitação no budismo Nichiren é *Nam-myoho-rengue-kyo*, mantra que revela o ensinamento do *Sutra do Lótus* e a necessidade de encontrar-se consigo mesmo e meditar as realidades do mundo. No Brasil a expansão do budismo Nichiren foi acontecendo gradualmente e hoje, além de haver no país a presença de todos os quatro ramos do budismo Nichiren – Nichiren Shu, Nichiren Shoshu, HBS e Soka Gakkai – este é um dos budismos mais frequentados e divulgados, contando com cerca de 34% das pessoas que se dizem budistas, enquanto o budismo tibetano conta com 16%.

Expansão e Divulgação do Budismo no Brasil Atual

O último capítulo de *Os Caminhos do Dharma no Brasil* denomina-se “Expansão e Divulgação do Budismo no Brasil Atual” e inicia tratando da seguinte questão: teria o budismo (alguma de suas escolas) adquirido características especificamente brasileiras, tal como aconteceu com a chegada do budismo em países como Japão, China e Tibete? O autor compara alguns ritos de religiosidades afro-brasileiras e indígenas com práticas budistas diversas, e conclui que sim, já existem casos de abasileiramento de elementos culturais sobre tradições budistas. Este capítulo apresenta também uma relação do número de praticantes budistas por estado brasileiro segundo os censos do IBGE dos anos de 1991, 2000 e 2010. Fala também sobre o budismo na internet, os artistas brasileiros que buscaram refúgio no Dharma e das publicações budistas no Brasil. O livro termina com um apêndice que consiste em um catálogo de endereços onde constam os endereços de todos os templos e salas de meditação budistas em todos os Estados brasileiros.